

Projeto quer levar meninas para área científica

A Organização das Nações Unidas, com o apoio da Universidade do Rio, vai financiar trabalho junto a seis escolas com 60 jovens que se destacam nas áreas de física, matemática e química

ROLDÃO ARRUDA

Começou a deslanchar no Rio um projeto inédito que pretende estimular meninas a seguirem a carreira científica. Financiado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e com o apoio da Universidade do Rio (Unirio), o trabalho será desenvolvido em seis escolas de segundo grau, com 60 adolescentes que se destacam como boas alunas nas áreas de física, matemática e química. Elas ouvirão palestras de mulheres cientistas, visitarão laboratórios de pesquisa, discutirão seus sonhos profissionais e serão convidadas a deixar de lado o tabu de que a matemática e o sexo feminino não combinam.

A idealizadora e coordenadora do projeto é a socióloga Fanny Tabak, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e livre-docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela chegou à conclusão de que é preciso estimular as mulheres a irem para laboratórios de física, engenharia e matemática, após cruzar conhecimentos adquiridos ao longo de mais de três décadas em duas áreas de estudo aparentemente desconexas: feminismo e desenvolvimento científico.

Ao fazer sua tese de livre docência sobre Universidade, Pesquisa e Desenvolvimento Nacional, a feminista Fanny observou que é altamente insatisfatória a presença de mulheres em áreas nas quais o País ainda tem carências — e que são aquelas ligadas a números, como a física e a engenharia. Ela notou, por exemplo, que no curso de nutrição da UFRJ as mulheres somam 92% do total de estudantes, enquanto que na física elas não passam de 19%, na engenharia mecânica mal chegam a 12% e na geotecnia estacionaram em 8%.

Essa disparidade é reproduzida em toda a cadeia de ensino e pesquisa. No total, das melhores bolsas de pesquisa concedidas pelo CNPq para a área de ciências exatas, apenas 5,4% vão para mulhe-

res. É pouco comparado à fatia que elas recebem das verbas destinadas à área de literatura e artes: 40,3%. Em laboratórios, segundo Fanny, há poucas mulheres e quase nunca em cargos de chefia.

Como não existe nenhum tipo de restrição legal ao acesso de mulheres a qualquer área universitária, nem a carreiras científicas ou técnicas, Fanny concluiu que a ausência do sexo feminino em determinados territórios assenta-se sobre tabus sexistas. Um exemplo: ainda há quem acredite que as mulheres não se dão bem com os números, porque são mais emotivas, raciocinam menos. Outro tipo de preconceito: como os cientistas são todos meio estranhos, esquecendo-se da vida quando estão em seus laboratórios, não convém às mulheres seguir carreira na pesquisa científica. Afinal, poderiam se esquecer de buscar as crianças na escola, ou preparar o jantar do marido.

Segundo Fanny, esses e outros tabus machistas sobrevivem na sociedade brasileira, mesmo após décadas de luta feminista. "Na hora de escolher profissões para as filhas, as famílias sempre consideram melhor encaminhá-las para aquelas consideradas mais

adequadas a mulheres", lamenta Fanny. "O peso dos preconceitos patriarcais na escolha profissional ainda é enorme."

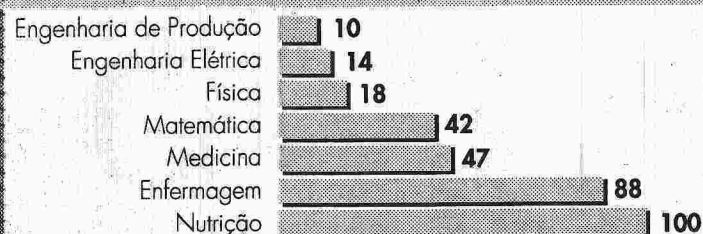
Depois da constatação, a socióloga começou a investigar maneiras de romper as barreiras do preconceito. Foi então que surgiu a idéia de um programa com adolescentes, cujo desenvolvimento e resultados serão apresentados na IV Conferência das Nações Unidas Sobre a Mulher, a ser realizada em Pequim no próximo ano.

A idéia de trabalhar com meninas do segundo grau surgiu da observação de que até essa fase escolar muitas delas mostram interesse e conseguem equiparar-se aos meninos em áreas como a física e matemática. Mais tarde, na hora da escolha da profissão, é que seguem outros caminhos. O objetivo de Fanny é o de manter vivo o interesse das colegas. "O Brasil não pode prescindir dessa força", afirma.

**FANNY: É
PRECISO
ESTIMULAR AS
MULHERES**

ONDE ESTÃO AS MULHERES

Participação feminina no total de diplomados da UFRJ - em %



Fonte: Pesquisa da UFRJ/90 citada por Fanny Tabak na revista "Scientific World"



Fanny Tabak, do CNPq: é reduzido o número de mulheres em áreas como física e engenharia



Elza Furtado Gomide, da USP: "Houve uma mudança tão grande, que não é mais possível detê-la"

Tasso Marcelo/AE

Fernando Sampaio/AE